



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

Vinícius Martins Teles

Os Impactos da Ditadura na Universidade de Brasília: Análise das demissões por  
motivo político e o caso de Ernani Maria Fiori.

BRASÍLIA

2023



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

Vinícius Martins Teles

Os Impactos da Ditadura na Universidade de Brasília: Análise das demissões por motivo político e o caso de Ernani Maria Fiori.

Trabalho apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História

Orientador: Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria

BANCA EXAMINADORA

Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria (UnB)

---

Dr. Matheus Gamba Torres

---

Prof.<sup>a</sup> Eliane Cristina Brito de Oliveira

---

BRASÍLIA

2023

## RESUMO

Este trabalho busca analisar a perseguição da ditadura militar à Universidade de Brasília (UnB), destacando as consequências que essa perseguição trouxe a universidade. Para isso, iremos examinar as demissões ocorridas por motivações políticas, destacando, em particular, o caso do professor Ernani Maria Fiori, cuja demissão teve um papel crucial no desdobramento da crise de 1965 na UnB. Esses eventos evidenciam de maneira contundente os impactos do autoritarismo e da restrição à liberdade no ambiente acadêmico, ressaltando a importância da luta incessante em prol da democracia e da autonomia universitária.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar. Demissões na UnB. Universidade de Brasília.

## **ABSTRACT**

This work seeks to analyze the persecution of the military dictatorship against the University of Brasília (UnB), highlighting the consequences that this persecution brought to the university. To do this, we will examine the dismissals that occurred due to political motivations, highlighting, in particular, the case of professor Ernani Maria Fiori, whose dismissal played a crucial role in the unfolding of the 1965 crisis at UnB. These events clearly highlight the impacts of authoritarianism and restrictions on freedom in the academic environment, highlighting the importance of the incessant struggle for democracy and university autonomy.

**Key-words:** Military Dictatorship. Dismissals at UnB. University of Brasília.

*A toda uma geração de estudantes e professores  
que deram suas vidas em busca de um Brasil  
democrático e de uma Universidade autônoma.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Fabiana e Domingos, por terem me dado sempre, todo o apoio necessário para uma boa formação universitária (mesmo que eu não tenho dado devido valor a isso ao longo do percurso). Por todas as vezes que eles fizeram o possível para que eu tivesse maior conforto, seja ao me buscar ou levar a UnB, sendo fazendo marmitas para os dias que ficava das 8h as 18h na universidade, sendo nos momentos em que prestaram atenção ao que eu falava, mesmo quando não os interessava minimamente, argumentos ou desabafos em relação à essa conturbada vida acadêmica.

Agradeço a minha irmã, Bruna, que por ser mais nova, sempre me emprestou um pouco de sua energia para que eu pudesse me manter firme e seguir em frente. Assim como meus pais, não foram poucas as vezes em que ela teve que ouvir sobre desabafos acerca da vida acadêmica, mas sempre em nossas conversas ela mostrou entusiasmo em me ouvir e aidez em aprender sobre os problemas que talvez ela mesma passe num futuro próximo. Além disso, foi com a determinação de todos, acredito até mesmo mais que a minha, que chego ao final desse curso, já que muitas vezes o sucesso estava em palavras e atitudes alheias a mim.

Agradeço também aos meus amigos que me ajudaram nessa caminhada, seja me explicando sobre coisas da vida acadêmica, me ajudando a corrigir trabalhos, ouvindo desabafos ou apenas me sacaneando sobre algo, mas sempre num tom de leveza e camaradagem que com certeza teve grande impacto para minha chegada até aqui. Entre eles cito alguns: João Gabriel, Gustavo, Ninho, Igor, Pedro Luca, Poliana e vários (as) outros (as).

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao orientador desse trabalho, Prof. Daniel Faria, por ter se disponibilizado a trabalhar comigo em tão pouco espaço de tempo (devido a erros e procrastinações minhas). As todas leituras e releituras feitas desse trabalho e a todos os apontamentos feitos, sem ele nada disso aqui teria sido possível, fato ao qual sou extremamente grato.

"Um povo que não conhece a sua história está condenado a repetí-la". –  
Edmund Burke

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....</b>	<b>8</b>
<b>3 INVASÃO À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (1964) .....</b>	<b>10</b>
<b>4 PRÉ-CRISE E ESPERANÇA NO CAMPUS .....</b>	<b>12</b>
<b>5 DEMISSÕES POR MOTIVO POLÍTICO E CRISE DE 1965 .....</b>	<b>14</b>
<b>6 REFLEXÃO SOBRE O “CASO ERNANI MARIA FIORI” .....</b>	<b>18</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A década de 1960 foi marcada por intensas transformações no cenário político e social brasileiro. Após o golpe de 1964, a ditadura militar começou a consolidar seu poder e, conseqüentemente, a atacar as universidades de todo o Brasil, com o intuito de acabar com o pensamento crítico e a resistência à ditadura. A Universidade de Brasília (UnB), fundada em 1962, não escapou da ditadura militar e sofreu diversos ataques, como invasões, repressões, demissões de professores, até a nomeação de interventores para o cargo de reitor. A UnB tornou-se alvo da ditadura militar por sua proposta inovadora e por abrigar vários intelectuais engajados que acreditavam na liberdade acadêmica e que a Universidade era um instrumento de transformação social e de conhecimento dos problemas do país.

Para compreender os eventos que culminaram na crise de 1965 na UnB e nas demissões que marcaram esse período, recorreremos à análise de obras como "A Universidade Interrompida" de Roberto Salmeron, o relatório da comissão Anísio Teixeira e documentos presentes no Sistema de informações do Arquivo Nacional (SIAN), sendo a grande maioria do Fundo do Sistema Nacional de Informações (SNI). Esses estudos oferecem uma visão detalhada dos acontecimentos, contextualizando a crise no cenário político nacional.

No decorrer desse trabalho, focaremos nas demissões em massa de professores da Universidade de Brasília, em especial a demissão do filósofo e professor Ernani Maria Fiori, conhecido por seus trabalhos sobre "uma pedagogia da libertação, com foco na autonomia do saber popular" (Duarte, 2011). A análise dessa demissão visa não apenas compreender as circunstâncias específicas, mas também provocar uma reflexão sobre o impacto mais amplo dessas ações na vida acadêmica e na liberdade de pensamento durante o período sob o jugo da ditadura militar.

## 2 A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A Universidade de Brasília (UnB) foi idealizada como parte do projeto de construção da nova capital do Brasil, Brasília, inaugurada em 1960. A proposta de criação de uma instituição de ensino superior na região central do país visava descentralizar o acesso ao ensino superior e promover o desenvolvimento acadêmico e científico em uma área estratégica do país.

A criação da UnB foi um marco na história da educação brasileira e ocorreu em um contexto de transformações políticas e sociais. O projeto foi liderado pelo então presidente Juscelino Kubitschek, que buscava consolidar a ideia de Brasília como um centro moderno e intelectual, que não ficasse em nenhuma medida aquém das grandes cidades que existiam pelo mundo, um projeto bastante ambicioso.

A escolha do local para a construção da universidade reflete a visão de planejamento urbano do arquiteto Lúcio Costa e do urbanista Oscar Niemeyer, responsáveis pelo projeto de Brasília. A UnB foi concebida como um centro de excelência acadêmica, abrangendo diversas áreas do conhecimento, que visava a formação de um corpo técnico qualificado que reduzisse no país a necessidade de “importação do conhecimento” (Nóbrega, Farrero e Pulino, 2021).

Oficializada em 21 de abril de 1962 pela Lei nº 3.998, a UnB foi concebida com um projeto inovador e interdisciplinar, tendo Darcy Ribeiro como um dos principais idealizadores. No entanto, seu início foi desafiador, enfrentando questões logísticas, como a falta de uma infraestrutura física própria.

Durante essa fase inicial, a UnB utilizou salas emprestadas pelo Ministério da Educação (MEC), o que, apesar de ser uma solução temporária, reflete as complexidades e urgências envolvidas na implementação da universidade diante da crescente demanda educacional no país. Tal urgência dá-se ao fato do país estar passando por um momento de incerteza política com a renúncia do presidente Jânio Quadros. Essa solução temporária, embora atípica, não diminuiu a importância da UnB na formação acadêmica e produção de conhecimento, destacando o clima de possibilidades e confiança depositado no projeto educacional (Nóbrega, Farreiro e Pulino, 2021).

Essa situação temporária não obscureceu a importância da UnB na formação acadêmica e na produção de conhecimento e evidencia o clima de esperança e confiança que se tinha em relação ao projeto da UnB e o que ela se tornaria. Outro ponto que demonstra o quanto se acreditava no projeto inovador de uma universidade com autonomia era o fato dos professores não terem contratos com a universidade e, no ato de contratação, não sabiam quanto iriam receber.

Pode parecer estranho, mas ninguém protestou contra essa situação anormal, porque havia um clima de confiança. Outra característica do estado de espírito dos docentes: viviam dos salários, como a maioria dos professores universitários, no entanto, como não havia normas escritas, foram para a Universidade de Brasília sem saber quanto ganhariam. Para comparação, os honorários dos colegas da USP eram aproximadamente cinquenta por cento superiores aos nossos. (SALMERON, p.104, 1999).

Os professores terem ingressado na UnB sem contratos e sem conhecerem seus salários demonstra a fé na proposta inovadora da universidade autônoma. A ausência de protestos nesse cenário incomum ressalta a atmosfera de confiança que permeava a comunidade acadêmica. Mesmo sem estatuto e contratos formais, a UnB enfrentou as adversidades, construindo seu próprio campus nos dois primeiros anos e consolidando-se como uma instituição de destaque no cenário educacional brasileiro. Esse período inicial, marcado por desafios e superações, tornou-se crucial para a identidade e trajetória de sucesso da Universidade de Brasília.

A UnB foi pioneira em diversos aspectos, adotando um modelo acadêmico inovador, com a implementação do sistema de ciclos, que proporcionava maior flexibilidade curricular. Além disso, desde o início, a universidade adotou o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, promovendo a integração dessas atividades. Esses pioneirismos que visavam um projeto de reforma universitária das instituições até então vigentes e translatado na criação da UnB foram foco do que pode ser considerada uma das primeiras ofensivas da ditadura militar, com a reorientação quase que imediata do rumo da Universidade, com a demissão de Anísio Teixeira logo em 13 de abril de 1964 (Leher, 2015).

Ao longo dos anos, a UnB se destacou como uma instituição comprometida com a produção de conhecimento de qualidade e com a formação de profissionais

capacitados. Seus cursos, programas de pesquisa e iniciativas de extensão contribuíram para o desenvolvimento regional e nacional (Morosini, 2012).

A UnB também desempenhou um papel importante nos movimentos sociais e políticos do país, sendo palco de debates e manifestações durante períodos de efervescência política. A universidade se tornou um espaço de resistência e reflexão, moldando a consciência crítica de várias gerações de estudantes.

Assim, a Universidade de Brasília representa não apenas um centro de conhecimento e aprendizado, mas também um símbolo do compromisso do Brasil com a educação superior e o desenvolvimento intelectual, refletindo a visão de seus fundadores de construir uma nação mais justa e progressista.

### **3 INVASÃO À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (1964)**

O golpe militar de 1964 constitui um marco histórico que reverberou profundamente na trajetória política do Brasil. Naquele ano, as Forças Armadas brasileiras, apoiadas por setores conservadores da sociedade civil, articularam um movimento que culminou na deposição do presidente João Goulart. Esse evento teve implicações significativas, inaugurando um período de ditadura militar que se estendeu até meados da década de 1980. O golpe de 1964 não apenas interrompeu o curso democrático do país, mas também estabeleceu um contexto de autoritarismo, censura e repressão política. O pretexto da defesa da democracia e da ordem social foi utilizado para justificar o golpe militar, porém, desde os primeiros atos oficiais, ficou evidente que a preservação desses valores fundamentais foi comprometida. Já nos primeiros dias que sucederam o golpe, a ditadura militar começou a atacar todos aqueles que tivessem pensamentos críticos, como professores e estudantes das universidades. Uma das universidades mais afetadas pela ditadura militar foi a UnB.

Alguns dias após o golpe de Estado de 31 de março de 1964, tropas do Exército e da Polícia Militar invadiram o campus da Universidade de Brasília, como se estivessem tomando uma praça forte. O reitor, o vice-reitor e o conselho diretor foram demitidos, professores e estudantes foram presos. Um dos primeiros atos de um novo reitor, nomeado pelo presidente da República sem nenhuma consulta aos órgãos universitários, foi o de expulsar treze docentes e um estudante, sem acusação, sem processo jurídico, sem

lhes dar direito de defesa. Formalmente , o reitor alegou que foram dispensados por conveniência da administração. (SALMERON, 1999, p.21)

O motivo da UnB ter sofrido tanta repressão se dá, em primeiro momento, por ter uma localização próxima ao centro do poder e, em segundo, por representar um projeto de transformação social que incluía inovações, interdisciplinaridade e flexibilização dos currículos. Darcy Ribeiro, um dos idealizadores e primeiro reitor da UnB, defendia que a universidade deveria ser um polo de consciência crítica, desempenhando um papel importante no desenvolvimento do país e deveria também estar atenta aos problemas da sociedade como um todo.

O Projeto da UnB surgiu em contraposição ao modelo tradicional de universidade criado nos anos trinta no Brasil, modelo que estava sendo questionado por setores das próprias instituições de ensino e pesquisa e por aqueles que pensavam em uma universidade voltada para as transformações que requeria a sociedade brasileira naquele momento. Na concepção de seus criadores, deveria ser uma universidade que, junto ao humanismo, à livre criação cultural, fosse integrada à ciência e à tecnologia modernas. No conjunto, seriam modificados os padrões de conhecimento presentes no ensino superior brasileiro. (Souza, 2011, p.36)

Principalmente pelo segundo motivo, a UnB foi frequentemente atacada pela ditadura militar, que não tolerava pensamentos críticos. Por conta disso, o governo começou a difundir uma imagem de uma universidade corrompida e desmoralizada com notícias sensacionalistas como “MATERIAL DE PROPAGANDA COMUNISTA APREENDIDO PELO EXÉRCITO NA UnB – UNIVERSIDADE CERCADA”, publicada pelo Correio Braziliense em 10 de Abril de 1964, para justificar os atos antidemocráticos praticados contra a UnB.

Há vários documentos da época que tratam com hostilidade a UnB, em especial um documento que trata da passeata dos cem mil<sup>1</sup>, no qual há algumas menções sobre a Unb e a sua fundação:

A Universidade perdia, desde o nascedouro, o conceito universal nos seus trabalhos, para constituir-se no antro do sectarismo esquerdista dos mais

---

<sup>1</sup> A Passeata dos Cem Mil foi uma manifestação popular contra a ditadura militar brasileira. Organizada pelo movimento estudantil, ocorreu em 26 de junho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro, e contou com a participação de artistas, intelectuais e outros setores da sociedade brasileira. (Sérgio, FGV / CPDOC)

radicais. As dúvidas não se repontavam às ideologias e sistemas e sim às formas da esquerda (marxismo, leninismo, comunismo russo, chinês ou cubano, etc). E lhe serviam de alimento vitalizador os rumos que o Governo de então, do Sr JOÃO GOULART, traçava para o Brasil. (SNI, Histórico da UnB, 1968)

Os primeiros ataques iniciaram ainda em 1964, apenas 9 dias após o golpe de Estado, com a invasão do campus em busca de armas e materiais de propaganda considerados subversivos, e a cassação do então reitor Anísio Teixeira (encontrado morto em 1971 por causas desconhecidas no fosso de um elevador no Rio de Janeiro, segundo informações disponíveis no site da câmara legislativa).

Prisões ostensivas e, em geral, sem amparo judicial, mas também algumas escudadas na legislação de exceção — teriam lugar em espaço tão simbólico como as instalações da UnB. Ali houve também sequestros realizados clandestinamente por forças policiais e militares, dos quais resultariam, para algumas de suas vítimas (ainda que não no ambiente acadêmico, mas em lugares próximos), sessões de espancamentos, fuzilamentos simulados e outras formas de tortura. (COMISSÃO ANÍSIO TEIXEIRA, 2015, p. 56).

Já durante a primeira invasão em 1964, os militares continham uma lista com o nome de doze professores, dentre os quais cinco foram presos com o pretexto de serem agentes comunistas. A biblioteca e os escritórios dos professores foram interditados durante duas semanas. Esse episódio daria início a uma série de repressões e perseguições aos professores e estudantes da UnB e marcaria para sempre a história de uma geração. (Comissão Anísio Teixeira, 2015)

#### **4 PRÉ-CRISE E ESPERANÇA NO CAMPUS**

As primeiras ações feitas pela ditadura militar contra a UnB foram as demissões do Reitor Anísio Teixeira e do Vice-reitor Almir de Castro, nomeando Zeferino Vaz como “interventor” (Título que foi dado por ele mesmo), que acaba percebendo posteriormente que não se pode gozar de liberdade acadêmica sem limites, após ter que demitir um professor contratado por ele mesmo quatro meses após a contratação (Salmeron, 1999).

A crise que estava por vir, em 1965, foi mascarada por uma intensa euforia após a mudança drástica de pensamento do reitor Zeferino Vaz, que passou de interventor a defensor das ideias da Universidade de Brasília, e das novas contratações do primeiro semestre de 1965, como é possível ver no trecho a seguir: “Chegaram os cientistas, alguns dos quais trazendo uma experiência de muitos anos em universidade e centros de pesquisa europeus e norte-americanos, e, outra vez, o clima do campus era de euforia criadora (Ribeiro, 1969)”.

Durante os quinze meses que se seguiram, desde que assumiu o cargo de Reitor, o professor Zeferino Vaz passou a compreender os objetivos e a importância da Universidade de Brasília, apoiando coordenadores e professores em suas iniciativas (Salmeron, 1999). Zeferino começou a defender a Universidade, inclusive na mídia, alegando que a universidade não era foco de agitações e nem culpada das acusações feitas pela ditadura militar. O que nem o próprio Zeferino entendia era que a sua liberdade como Reitor tinha um certo limite; quando suas ações eram reprovadas pelo Estado, ele seria obrigado a agir como interventor novamente.

Apesar da rigorosa limitação das verbas da universidade, o clima no campus era de esperança. Os institutos cresciam lentamente, professores, alunos bolsistas e instrutores passavam o dia em saudável companhia (Ribeiro, 1969). O que não se esperava era que a crise estava bem próxima de começar com a contratação do filósofo Ernani Maria Fiori, que já havia sido demitido e aposentado da Universidade do Rio Grande do Sul, com o objetivo de dar início aos estudos de filosofia da UNB.

Após mais de dois meses de luta conjunta do próprio Reitor com os coordenadores das unidades universitárias, o professor Ernani ainda assim foi demitido do seu cargo. Essa demissão representava muito mais do que a perda de um excelente professor para a UnB; era a tentativa de suprimir uma voz que defendia uma educação crítica e deixaria ainda mais claro que a ditadura militar tinha como objetivo acabar com o pensamento crítico nas universidades, retirando a sua autonomia. Retirar a autonomia da universidade vai além de barrar contratações e demitir professores, segundo Roberto Salmeron:

Autonomia significa que a universidade, para poder cumprir plenamente suas funções na vida intelectual, artística, científica e econômica do país, deve ser livre no funcionamento acadêmico: plena liberdade de escolha dos

professores e dos critérios para a evolução de suas carreiras, de acordo com padrões fixados por ela mesma (SALMERON, p.186, 1999).

E após um curto período de “paz”, que gerou a uma grande parte do campus altas expectativas, a Universidade de Brasília se encontrava as margens de uma grande crise que marcaria a sua história. Segundo documento de relato das atividades do movimento estudantil de Brasília:

As medidas revolucionárias, de começo implantadas, foram tímidas, poucas e sem resultado prático. O “status” continuou e os males gerados desde a fundação teriam de vir à tona para a necessária cirurgia, como veio a acontecer na chamada “crise de outubro de 65”. (SNI, HISTÓRICO DA UNB, 1968).

## **5 DEMISSÕES POR MOTIVO POLÍTICO E CRISE DE 1965**

O período de “paz vigiada”, como destaca Salmeron, estava prestes a acabar, a ditadura já via a gestão do reitor Zeferino Vaz como “deficiente”. O que corroborou para essa conclusão foi o fato de o vice-reitor Almir de Castro estar constantemente à frente da universidade. Almir de Castro era visto como um “elemento de esquerda que já servira aos propósitos de Darcy Ribeiro” e era o responsável pelo domínio da situação pelos “elementos de esquerda” (Salmeron, p.177, 1999).

Os casos que marcam o início da crise de 1965 são as demissões dos professores Fiori, Edna de Oliveira e Las Casas. Mostrando que apesar das esperanças que foram criadas nos últimos meses, a Universidade ainda se encontrava sob a mira da ditadura militar.

A demissão do professor Ernani Fiori teria levado ainda à demissão do Reitor Zeferino Vaz que, antes de sua demissão, enfrentaria o afastamento da professora Edna Soter de Oliveira. O objetivo da ditadura militar era de chamar professores de volta às suas instituições de origem, com a finalidade de afastá-los da Universidade (Salmeron, 1999). Após a demissão do Reitor Zeferino Vaz, quem assume o título de Reitor é o professor Laerte Ramos de Carvalho, cedido pelo MEC à universidade, que ao tomar posse, já enfrenta o problema da demissão do sociólogo e professor Roberto

Décio Las Casas. Segundo o mesmo documento de relato comentado anteriormente e intitulado “histórico da Unb”:

Veio o caso FIORI gerar uma nova crise, agravada com a caótica situação financeira da UnB. Daí, a renúncia do Reitor ZEFERINO, saído às pressas, não chegando a passar a reitoria ao substituto oficial. Para substituir o renunciante, foi nomeado o prof LAERTE RAMOS DE CARVALHO. Lente de história e filosofia da educação da faculdade de filosofia da USP.

Teve logo um problema – o Prof LAS CASAS. – um novo caso sucedente ao caso FIORI. Através de ALMIR DE CASTRO fôra contratado pela UnB vindo do MEC. Reclamado pelo Ministro da Educação e mandado apresentar-se por ofício do Reitor (ainda o Prof ZEFERINO), não se apresentou e continuou a dar aulas. Ao fim do mês, quando foi receber os vencimentos, foi informado que não pertencia mais à UnB.

Crise à vista, caso criado. Ótimo Prato. (SNI, HISTÓRICO DA UNB, 1986).

O documento deixa claro a satisfação da ditadura para com o novo reitor Laerte Ramos, já que o mesmo se recusa a contratar o professor Roberto Décio de Las Casas. Um dos pontos cruciais na crise de 1965 foi a confirmação de que o novo interventor-Reitor tinha esse contato estreito com os serviços de informação da ditadura. O que traz uma reflexão de que os interventores deveriam responder aos órgãos de segurança e informação da ditadura, deixando de lado os interesses da universidade.

Os estudantes da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília (FEUB), decidiram ainda publicar uma nota à imprensa com o objetivo de denunciar os atos praticados contra a autonomia da universidade. A nota vem seguida de um parecer que, utilizando-se da Lei Suplicy Lacerda<sup>2</sup> e o decreto nº 56421 de 1965, que a regulamentava:

No parecer se observava ainda que, mesmo que fosse considerada legítima, evidentemente que nos parâmetros da jurisdição da ditadura militar, a FEUB não poderia ter opinado sobre aquele assunto, por lhe ser vedada qualquer manifestação de caráter político-partidário, sendo cabível a sanção de suspensão da função de representação estudantil dos dirigentes ou mesmo extinção do órgão pela Reitoria (COMISSÃO ANÍSIO TEIXEIRA, 2015, p. 85).

---

<sup>2</sup> A Lei Suplicy Lacerda, de 1964, proibia as atividades políticas nas organizações estudantis, além de definir regulamentação destas entidades

Os estudantes da FEUB não eram os únicos reivindicando a autonomia da UnB, 15 coordenadores de curso da UnB pediram demissão, de forma conjunta, de suas funções administrativas como uma forma de protesto contra demissões de professores e servidores. Esse movimento incluiu a demissão do professor Roberto Décio de Las Casas, cujo desligamento da universidade se deu fora dos parâmetros estatutários, alegando-se que ele era um servidor cedido pelo Ministério da Educação e Cultura, fato que serve apenas para esconder o papel político que implicava tal demissão, sendo o Prof. Las Casas conhecido pelo SNI como “comunista militante tendo prestado, relevantes serviços ao Partido Comunista Brasileiro no Estado do Pará” (SNI, Informe nº1910, 1965). Aqui ficam escancaradamente denotadas as conexões da reitoria para com os serviços de inteligência e a falta total de ética e confiança que existia no ambiente acadêmico.

O descontentamento não se limitava apenas às questões individuais, mas refletia preocupações mais amplas sobre a autonomia da universidade e as relações entre o corpo docente e a administração. Em uma reunião realizada em 6 de outubro entre o Reitor e cinco coordenadores, o movimento estudantil, em particular a Federação dos Estudantes da UnB (FEUB), foi tema de discussão. O Reitor expressou a intenção de punir estudantes que participaram de uma assembleia de posse de uma direção eleita pela entidade, sem sua prévia autorização (Comissão Anísio Teixeira, 2015).

Além disso, a reunião também abordou demissões de professores e servidores sob motivos que transcendiam os parâmetros didáticos e acadêmicos. A situação política nacional instável, mencionada pelo Reitor, adicionava uma camada de complexidade, com os coordenadores questionando a coerência das ações da administração em tal contexto.

Diante do impasse e da falta de diálogo, os professores decidiram, em assembleia realizada em 8 de outubro de 1965, decretar uma greve de 24 horas. No dia seguinte, em uma assembleia da FEUB, os estudantes decidiram iniciar uma greve por tempo indeterminado. A resposta do Reitor Laerte Ramos de Carvalho foi além das demissões e ameaças de punição, envolvendo a solicitação, em 10 de outubro, ao Departamento Federal de Segurança Pública para ocupar o campus. Esse pedido de intervenção resultou na prisão de quatro professores do curso de biologia e de Ênio Luís de Freitas Melo, assistente e secretário-executivo do Setor de Economia do

Instituto Central de Ciências Humanas na mesma noite do dia 10. As prisões foram conduzidas sem explicações claras e os professores foram submetidos a interrogatórios intimidadores por agentes do DOPS onde, segundo depoimentos, um policial “brincava” com uma arma de fogo na mesa e outro chegou até a apontá-la para a cabeça de um dos professores interrogados (Salmeron, 1999).

O relato desses eventos evidencia não apenas a luta por direitos individuais, como no caso das demissões injustas, mas também uma resistência coletiva em defesa da autonomia universitária, destacando as complexas relações entre a administração, o corpo docente e os estudantes na UnB durante um período conturbado da história brasileira. Infelizmente, a característica inovadora e os bons pensadores da Universidade de Brasília colocaram um alvo sobre ela, marcando sua história com violências e repressões feitas pela ditadura militar.

[...] A motivação dos coordenadores, na luta que tratavam, não era a defesa de um colega em sua situação pessoal, mas a defesa de um princípio, a autonomia acadêmica da universidade. Era a mesma motivação que os levou a reagirem contra a demissão de Ernani Maria Fiori. (SALMERON, p. 229, 1999)

Diante das intervenções e violências do governo ditatorial na UnB, 223 professores pediram demissão por não aceitar corroborar com essa política de destruição da universidade, resultando em danos acadêmicos significativos. A crise levou a universidade, já em construção, a ser reconstruída sobre escombros e sob vigilância intensa. O Ministro da Educação e Cultura, Flávio Suplicy de Lacerda, em 25 de novembro de 1965, desqualificou publicamente a UnB, prometendo afastar qualquer elemento considerado corrupto, agitador ou subversivo, independentemente de sua posição na universidade, em nome do "governo revolucionário" e da visão de educação como questão de segurança nacional.

A "crise de 1965" na UnB representou um cerco ditatorial, resultando em violações como detenções arbitrárias, demissões políticas e restrições à associação política. As consequências desses eventos foram sentidas por anos, com demitidos e demissionários enfrentando obstáculos práticos, incluindo viagens, pós-graduações e posse de cargos conquistados por concurso. Mesmo em 1988, o Serviço Nacional de Informações (SNI) continuava monitorando os processos de anistia relacionados às demissões de 1965 (Salmeron, 1999).

A ditadura causou vários danos acadêmicos à Universidade que não podem ser medidos, pode-se apenas refletir sobre os projetos que não foram terminados por conta de prisões de alunos e professores, demissões, cortes de recursos além da *construção de uma imagem negativa* da Universidade ao acusar qualquer um que apresentasse o mínimo de resistência de ser um comunista o que, na época, tinha uma gravidade de crime contra a segurança nacional. A UnB é então considerada como “foco de subversão”, fato facilitado devido ao apoio midiático encontrado nos empresários brasileiros, que temiam a instauração do socialismo (Feijão, 2013) e veiculavam notícias e artigos, as vezes até autorais, como era o caso de Assis Chateaubriand, atacando veementemente a UnB em prol de uma limpeza de “subversivos” (Salmeron, 1999). Segue exemplo desse papel midiático em episódio protagonizado pelo ministro da Educação Flávio Suplicy Lacerda:

A Universidade de Brasília continua sendo sanada, à proporção que os seus casos secretos estão sendo conhecidos. A Universidade da capital vai ser convenientemente dimensionada. Todos os corruptos, corruptores, agitadores e subversivos serão afastados, quer sejam professores medíocres ou sábios mestres, quer sejam alunos ou funcionários, independentemente do que pensam ou venham a pensar de nós os intelectuais do “Le Monde”. (COMISSÃO ANÍSIO TEIXEIRA, 2015, p. 88).

O que podemos perceber com esses ataques que levaram a UnB à crise em 1965 é a constante necessidade da ditadura de realizar uma fissura enorme na educação e destroçar o projeto nacional-democrático de universidade tendo em vista que, se analisarmos com um pouco mais de cuidado os pedidos de demissão e as demissões feitas pela ditadura, a UnB perde cerca de 80% de seus professores levando a Universidade a quase ser fechada. Na próxima seção, discutiremos o caso de demissão por motivo político do professor Ernani Maria Fiori.

## **6 REFLEXÃO SOBRE O “CASO ERNANI MARIA FIORI”**

Um episódio emblemático que desencadeou a crise de 1965, abordada no capítulo anterior deste estudo, foi a abrupta demissão do professor Ernani Maria Fiori, apenas dois meses após sua contratação, promovida pelo então reitor Zeferino Vaz.

A convocação de Ernani para integrar a Universidade de Brasília visava a organização do Departamento de Filosofia, sendo ele conhecido por seu trabalho de

conscientização e educação popular e no início da década de 50 já lançava as bases de uma pedagogia da libertação (Duarte, 2011). Dada a sua qualificação excepcional, o reitor Zeferino Vaz demonstrou um interesse particular em trazê-lo para a UnB, mesmo considerando a demissão anterior de Ernani na Universidade do Rio Grande do Sul (URGS) em 1964, decorrente do Ato Institucional nº1<sup>3</sup>:

O professor ERNANI FIORI pertencia, junto com os Professores ERNILDO STEIN e LEONIDAS XAUSA, a cúpula orientadora da AÇÃO POPULAR (AP), Frente Legal do Movimento Comunista Internacional e que congregava professores universitários e claro “Progressista” na direção do movimento estudantil universitário (SNI, INFORME Nº 217/65).

Para entender os motivos da demissão de Fiori da Universidade de Brasília, é necessário entender alguns pontos que levaram à demissão da UFRGS. A perseguição contra o professor Fiori começa bem cedo, antes de ser de fato demitido, seu nome constava em uma lista com cerca de 20 professores para serem expurgados da Universidade, tendo apenas 14 ou 15 dessa lista tendo seu expurgo assinado inicialmente. Ocorreu aos revolucionários golpistas que Ernani Fiori não teria sido expurgado por conta dos deputados Brito Velho e Flores Soares, que seriam seus “padrinhos”, fato que não o impede de ser expurgado posteriormente (SNI, Informe nº243, 1965).

O governo militar, no informe nº 103 de 01 de junho 1965 do SNI, faz ainda uma remarcação sobre o deputado Brito Velho, levando em conta esse acontecimento, o acusando de ter jogo duplo com o governo “Castelo Branco”, ao mesmo tempo em que diz ser “contra a corrupção e a subversão” o deputado “defende os subversivos amigos”. Em outro informe anexo a esse, mas de data posterior, consta que Ernani Fiori havia se autodeclarado “Socialista Revolucionário” e teria ainda afirmado que *foi uma lástima não ter sido instaurado o comunismo no Brasil* (SNI, Informe nº690, 1965), informe com o provável objetivo de reforçar a imagem de Fiori como comunista subserviente e a quem o deputado Brito Velho estava apoiando.

---

<sup>3</sup> O Ato institucional nº 1 (AI-1) teve a função de desorganizar o cenário político nacional, dando poder ao governo militar de cassar mandatos legislativos, suspender direitos políticos por dez anos e afastar do serviço público todo aquele que pudesse “ameaçar” a segurança nacional. Figuras de esquerda e defensores da democracia como Jânio Quadros, João Goulart, Luís Carlos Prestes, Leonel Brizola e Darcy Ribeiro perderam seus cargos.

Um informe que tratava de informações para sua demissão, consta ainda que o professor Fiori teria se declarado esquerdista desde os 16 anos de idade e estaria "disposto a empunhar armas, indo, se preciso, ao derramamento de sangue, mesmo que, como era de prever, a maioria de seus colegas estivessem de outros lados" (SNI, Informe nº217, 1965).

Apesar de ter conhecimento da demissão do professor Ernani, Zeferino Vaz não via nenhum obstáculo legal em sua contratação para a UnB, já que o AI-1, apesar de ter demitido grande quantidade de pessoas num movimento evidentemente político, não legislava acerca de eventuais recontrações. O caso foi ainda analisado por juristas da UnB, que concordaram com a decisão.

A pergunta que deve ser feita é: por que essa perseguição intensa ao professor Ernani Fiori por conta da ditadura militar? Essa pergunta pode ser facilmente respondida se pararmos para observar e refletir acerca dos trabalhos e pensamentos do professor. Conhecido pelo seu trabalho de conscientização e de educação popular, suas crenças o levaram a fazer parte da Ação Popular (AP)<sup>4</sup>.

Ernani foi militante na luta pela liberdade e autonomia do povo e acreditou profundamente na capacidade crítica do brasileiro a despeito de crenças préconcebidas que contestavam essa capacidade (DUARTE, 2011).

A Ação Popular era mal vista pela ditadura por ter justamente esse caráter crítico e entender o que realmente estava acontecendo durante a ditadura, não sendo alheia às injustiças da ditadura, sendo a fachada “radical e violenta” entregue ao movimento pela ditadura apenas uma tentativa de justificação dos atos contra ele. (SNI, informe nº172,1974). Segundo documentos da época, a AP, além de “radical e violenta” era ainda dividida em duas fases de ação bem delineadas:

A 1º fase “(durante o Gov GOULART) – “que chamaremos de FASE DA DITADURA SOCIALISTA – a qual objetivava, por meio de instigação da luta de classes, provocar a quebra violenta, radical e revolucionária de toda a organização social, política e econômica do Brasil, para instalar uma ditadura socialista.

A 2º fase " (após a Revolução de 31 de março de 1964) - "que batizaremos de FASE CONTRA-REVOLUCIONÁRIA – que, além dos

---

<sup>4</sup> A Ação Popular foi uma organização política de esquerda extraparlamentar, criada em junho de 1962, a partir de um congresso em Belo Horizonte, resultado da atuação dos militantes estudantis da Juventude Universitária Católica e de outras agremiações da Ação Católica Brasileira (Brasileiro, 2023).

objetivos da Fase da Ditadura Socialista, ainda incorporou ao seu programa de luta clandestina e organizada pela volta ao regime anterior do Governo Goulart, por meio de agitação das massas populares mais revoltadas, pela liberdade dos presos políticos e pela ligação com elementos brizolistas. (SNI, INFORME Nº 290/65)

Segundo esse mesmo documento, a AP era uma organização marxista, ligada à linha chinesa do comunismo internacional, envolvendo a juventude católica, que tinha como objetivo uma ditadura do proletariado e que indicava a Cultura Popular como um instrumento de agitação da massa. A ditadura via Ernani como o líder e cabeça da AP e por fazer parte da “cúpula da Ação Popular” ele foi “expurgado” da URGS pelo seu “desserviço a Pátria” e por sua “obra nefasta a serviço da subversão ou da corrupção”. A perseguição ao professor Fiori não para por aí, tendo seu próprio filho, José Luiz Costa Fiori, sido investigado por participar de um protesto contra o expurgo de professores, incluindo o expurgo do professor Fiori. Além disso, podemos encontrar também no fundo do SNI documento que trata a “subversão” como se fosse uma doença contagiosa ao descrever Ernani e seu filho como “vermelhos” (SNI, Informe nº243, 1965), quase como uma patologia a ser eliminada.

Tendo em vista todo esse contexto de perseguição por parte do Estado ao professor, o mesmo escreveu uma carta ao reitor Zeferino, questionando se a sua contratação pela Universidade não traria problemas de âmbito político para ele ou para o Reitor, lembrando-o de que foi atingido pelo recente expurgo ideológico, como ele mesmo definiu. O mais importante nesse caso é entender que a contratação do professor Ernani Maria Fiori foi feita dentro das normas da UnB, sendo contratado até como professor associado e não titular.

Porém, como previsto por Fiori, assim que assumiu o cargo de professor associado, as pressões por parte do governo começaram a agir sobre Zeferino Vaz para que voltasse atrás com a sua contratação, pois, como o professor teria sido demitido de uma universidade pública, não poderia assumir um cargo em outra. Zeferino começa então a ceder às pressões impostas pelo governo: "O reitor, ao descrever aos coordenadores a situação em que se encontrava, disse-nos que tinha cometido um erro, um ato ilegal" (Salmeron, p. 193, 1999).

Os alunos e professores começavam a perceber que a universidade não tinha a autonomia que pensavam ter durante os quinze meses de esperança, e os

coordenadores avisaram ao reitor o que estava acontecendo no campus. Apesar da carta escrita por Zeferino, pode-se observar que houve resistência à demissão do professor Fiori, por não ter sido feita de imediato. Em carta ao reitor, os coordenadores tentaram argumentar e convencer o reitor de que a universidade precisava de sua autonomia, que não podia ceder às pressões e nem admitir interferências externas. O pensamento dos coordenadores era claro: "a universidade deveria ser respeitada dentro da lei, e não viam como se poderia construí-la honestamente sem essa condição" (Salmeron, p. 195, 1999).

A luta dos coordenadores não cessou, tendo eles escrito em carta ao Reitor que consultasse a Consultoria-Geral da República sobre se a contratação do professor seria ilegal ou não. Escrevendo ainda uma carta aos colegas para evitar que medidas precipitadas fossem tomadas e solicitando que todos ficassem "calmos e unidos". O que fica claro é que a universidade como um todo, em especial os coordenadores que não mediram esforços, estava em constante luta contra a ditadura e a favor de recobrar a autonomia da UnB.

Apesar de todo esse esforço por parte dos coordenadores, do Reitor e várias pessoas que tentaram interferir na decisão do Governo a Consultoria-Geral da República expressou o parecer que o ato de contratação de Ernani Maria Fiori seria ilegal (Salmeron, p.197, 1999). Sendo assim, Fiori foi demitido por *Impedimento legal*.

Não há dúvidas de que a demissão do professor Ernani Maria Fiori foi por motivos políticos, visto que há ainda documentos da época, como o informe nº 243 de 25 de maio de 1965, do SNI, referindo-se ao professor como "Homem de grande saber e de inteligência brilhante". O que é uma conclusão lógica e lamentável pois, ao que parece, o governo militar não se preocupava nas perdas que geraria para as Universidades e para o próprio ensino no Brasil.

As perseguições a Ernani Fiori e sua família não tem "capítulo final" em sua demissão da UnB, sendo possível encontrar alguns informes já do ano de 1974 que tratam de carta recebida por ele, convidando-o para lecionar no Instituto Superior de Economia de Lisboa que estava em vias de abertura (SNI, Informe nº323, 1974). Correlato a esse informe, existem dois outros que relatam sobre a sua solicitação e obtenção de visto para viajar à Lisboa, sendo que em um deles, consta uma "recordação" de que o professor havia sido atingido pelo Ato Institucional nº1 (SNI, Informe nº589, 1974; DOI/RS, Informe nº149, 1974). Além desses documentos sobre

Ernani Fiori, existe ainda um documento de 10 páginas que acompanha de maneira bastante minuciosa a vida dos filhos de Ernani Fiori, José Luiz da Costa Fiori (já citado anteriormente) e Jorge Otávio Fiori, e ainda da esposa de José Luiz, Geraldine Malengrean (SNI, Informe nº611,1973). Esse documento evidencia a constante vigilância exercida sobre os "elementos subversivos", mesmo que o nível de envolvimento deles com o movimento comunista tenha permanecido se alterado ao longo dos anos.

A demissão de Fiori teve consequências graves, dando início a uma era de demissões na UnB, inclusive a do próprio Reitor Zeferino Vaz, que perde a confiança, tanto do governo quanto da Universidade. O pretexto aberto aqui deixa brechas para que todos os trabalhos feitos em prol da Universidade, por parte dos docentes e discentes, estivessem em constante ameaça de serem encerrados e instaurou o início de um contínuo contato dos reitores das UnB às decisões e informações dos órgãos militares.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando a análise das demissões em massa ocorridas na Universidade de Brasília (UnB) durante o período da ditadura militar, focalizando o caso emblemático do professor Ernani Maria Fiori, é possível destacar diversas reflexões e conclusões pertinentes a esse episódio histórico.

Em primeiro lugar, as demissões de docentes, como no caso de Fiori, evidenciam a violação sistemática dos princípios democráticos e da autonomia universitária durante a ditadura militar. A interferência política direta na gestão acadêmica comprometeu não apenas a integridade institucional da UnB, mas também a qualidade do ensino e da pesquisa desenvolvidos na universidade, fator que só veio a ser revertido integralmente com o fim da ditadura e promulgação da Constituição de 1988.

O caso específico do professor Fiori demonstra a amplitude das medidas repressivas adotadas pelo regime, que incluíam não apenas a demissão, mas também a busca por limitar as oportunidades profissionais do docente, criando obstáculos para sua atuação em outras instituições públicas. Essas ações, muitas vezes, visavam não apenas eliminar vozes consideradas dissidentes, mas também disseminar o medo e a autocensura entre os acadêmicos.

Além disso, o episódio ressalta a importância da resistência e da solidariedade dentro do ambiente acadêmico. A mobilização dos coordenadores e a tentativa de argumentação em favor da autonomia da universidade evidenciam a conscientização sobre os riscos representados pelas intervenções externas.

Ao contextualizar as demissões em massa na UnB, percebe-se que a ditadura militar não apenas afetou o presente da universidade, mas também deixou marcas duradouras em suas estruturas e relações. As repercussões desses eventos não se limitaram ao período ditatorial, afetando ainda a trajetória profissional dos demitidos, como observado no acompanhamento do Serviço Nacional de Informações (SNI) até mesmo em 1988.

Em síntese, o estudo das demissões na UnB durante a ditadura revela as dimensões profundas do autoritarismo sobre o ambiente acadêmico e destaca a importância de preservar e fortalecer os princípios fundamentais da universidade, como a liberdade de cátedra e a autonomia institucional, para evitar que episódios semelhantes ocorram no futuro. Este trabalho contribui para uma compreensão mais ampla da história da UnB e ressalta a necessidade contínua de proteger os valores democráticos no âmbito universitário.

## REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, E. A travessia por novas economias: socioeconomia, bioeconomia e a economia do amor de Marcos Arruda. v. 7 n. 14 (2023): Dossiê: Rostos da Economia de Francisco e Clara.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Câmara investiga morte de Anísio Teixeira durante a ditadura. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/437796-camara-investiga-morte-de-anisio-teixeira-durante-ditadura/#:~:text=O%20educador%20foi%20encontrado%20morto,teria%20percebido%20e%20acabou%20caindo>. Acesso em: 30 de novembro de 2023.

DUARTE, A. J. O., & ABREU-BERNARDES, S. T. (2011). Fundamentos filosóficos da educação em Ernani Fiori. 1\*(01)\*, 6º Encontro de Pesquisas em Educação.

FEIJÃO, A. G. Lennys dos anos de chumbo. Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 269–278, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/redunb/article/view/20259>. Acesso em: 6 dez. 2023.

LAMARÃO, Sérgio. Passeata dos Cem Mil. FGV / CPDOC.

LEHER, ROBERTO. Autoritarismo contra a universidade: o desafio de popularizar a defesa da educação pública. 2.ed. Brasília, DF: Editora Expressão Popular, 2019.

MOROSINI, MARILIA. A Universidade no Brasil: concepções e modelos. 2.ed. Brasília, DF: INEP, 2012.

NÓBREGA, J. R. A. da.; GARCIA FARRERO, J.; PULINO, L. H. C. Z. Darcy Ribeiro e o projeto da Universidade de Brasília: uma práxis em processo. History of Education in Latin America - HistELA, [S. l.], v. 4, p. e26041, 2021. DOI: 10.21680/2596-0113.2021v4n0ID26041. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/26041>. Acesso em: 7 dez. 2023.

Relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília. Brasília: FAC-UnB, 2016. ISBN 978-85-93078-09-5, 363 p.

RIBEIRO, DARCY. *A universidade Necessária*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969

SALMERON, R. A. *A universidade interrompida*: Brasília 1964-1965. Brasília, DF: EdUnB, 2011.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. Documento de Informações nº 172. Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1974. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/aaa/74066171/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_aaa\\_74066171\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/74066171/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_74066171_d0001de0001.pdf). Acesso em: 30 de novembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. Documento de Informações nº 323. Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1973. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/aaa/74073823/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_aaa\\_74073823\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/74073823/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_74073823_d0001de0001.pdf). Acesso em: 26 de novembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. Documento de Informações nº 0611. Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1973. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/ggg/84009217/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_ggg\\_84009217\\_d0001de0002.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ggg/84009217/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ggg_84009217_d0001de0002.pdf). Acesso em: 26 de novembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. HISTÓRICO DA UNB. Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1968. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/aaa/86053760/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_aaa\\_86053760\\_d0002de0004.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/86053760/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_86053760_d0002de0004.pdf). Acesso em: 06 de dezembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. INFORMAÇÃO Nº 149. Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1974. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_vaz/0/0/34974/br\\_dfanbsb\\_vaz\\_0\\_0\\_34974\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_vaz/0/0/34974/br_dfanbsb_vaz_0_0_34974_d0001de0001.pdf). Acesso em: 26 de novembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. INFORMAÇÃO Nº 290. Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1965. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/aaa/65096406/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_aaa\\_65096406\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/65096406/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_65096406_d0001de0001.pdf). Acesso em: 28 de novembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. INFORMAÇÃO Nº 0589. Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1965. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_vaz/0/0/34975/br\\_dfanbsb\\_vaz\\_0\\_0\\_34975\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_vaz/0/0/34975/br_dfanbsb_vaz_0_0_34975_d0001de0001.pdf). Acesso em: 26 de novembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. INFORME Nº 103.

Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1965. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/ggg/85011334/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_ggg\\_85011334\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ggg/85011334/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ggg_85011334_d0001de0001.pdf). Acesso em: 28 de novembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. INFORME Nº 217.

Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1965. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/aaa/65096286/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_aaa\\_65096286\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/65096286/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_65096286_d0001de0001.pdf). Acesso em: 28 de novembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. INFORME Nº 243.

Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1965. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/aaa/65096306/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_aaa\\_65096306\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/65096306/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_65096306_d0001de0001.pdf). Acesso em: 28 de novembro de 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. INFORME Nº 1910.

Sistema de informações do Arquivo Nacional, 1965. Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/aaa/65096814/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_aaa\\_65096814\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/65096814/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_65096814_d0001de0001.pdf). Acesso em: 28 de novembro de 2023.

SOUZA, SUELEN LOPES DE. Universidade no Brasil: leituras. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.